

KILORBA, Grada. Memórias de plantação.

Episódios de racismo contemporâneo.

Trad. Nuno Quintas. Lisboa: Orfeu
Negro, 2014.

INTRODUÇÃO

—
TORNANDO-SE SUJEITO

*Porque escrevo?
Porque tenho de escrever.
Porque a minha voz,
em todos os seus dialectos,
há muito está calada*

JACOB SAM-LA ROSE (2002)

Este é um dos meus poemas preferidos. Li-o tantas e tantas vezes, uma e outra vez. Sempre que o leio, parece que toda a minha história está resumida nele. Estas cinco curtas linhas lembram muito engenhosamente uma longa história de silêncio imposto. Uma história de vozes torturadas, de línguas interrompidas, de idiomas impostos, de discursos interrompidos e dos muitos lugares em que não podíamos entrar nem ficar para falar com as nossas vozes. Tudo isto parece escrito nestes versos. Ao mesmo tempo, *não* é só um poema sobre a perda permanente instigada pelo colonialismo. É também um poema sobre a resistência, sobre uma ânsia colectiva por ganhar voz, por escrever e recuperar a nossa *história oculta*. Por isso o aprecio tanto.

A ideia de que *temos de* escrever, como se fosse quase obrigação moral, representa a crença de que a história pode

«ser interrompida, apropriada e transformada pela prática artística e literária» (hooks, 1990: 152). Escrever este livro tem sido de facto uma maneira de transformar, porque aqui eu não sou a «Outra», mas o eu; não o *objecto*, mas o *sujeito*; sou quem descreve a minha própria história, não sou descrita. A escrita emerge como acto político. O poema ilustra a escrita como um acto de *se tornar*¹, e, como eu escrevo, torno-me narradora, autora da minha própria realidade, autora e autoridade da minha própria história. Neste sentido, torno-me a oposição absoluta do que o projecto colonial tem predeterminado.

bell hooks usa estes dois conceitos de «*sujeito*» e «*objecto*», defendendo que os *sujeitos* são quem, só eles, «têm o direito de definir a sua própria realidade, de estabelecer as suas próprias identidades, de nomear a sua história» (1989: 42). Como *objectos*, contudo, a nossa realidade é definida por outras/os, as nossas identidades são criadas por outras/os, e a nossa «história é nomeada somente de maneiras que definem a [nossa] relação com aqueles que são sujeitos» (hooks, 1989: 42). Esta passagem da condição de *objecto* à de *sujeito* é o que marca a escrita como acto político. É também um acto de descolonização – opomo-nos a posições coloniais no acto de nos tornarmos autoras/es «válidas/os» e «legítimas/os», e reinventamo-nos, dando nome a uma realidade que ou foi mal nomeada ou não foi de todo nomeada. Este livro representa este desejo duplo:

¹ Conceito usado nos estudos culturais e pós-coloniais para explorar a relação entre o eu e a/o «Outra/o».

o de nos opormos a esse lugar de «alteridade» e o de nos reinventarmos. A oposição e a reinvenção transformam-se assim em dois processos complementares, porque não basta a mera oposição. Não podemos simplesmente opomo-nos ao racismo porque, nesse espaço vazio que surge depois de nos opormos e resistirmos, «ainda é necessário *devirmos* para nos refazermos» (hooks, 1990: 15). Isto é, ainda é preciso *tornarmo-nos sujeitos*.

Este livro pode ser concebido como forma de se «tornar sujeito», pois procuro dar voz à realidade psicológica do racismo quotidiano nas palavras de mulheres *negras*, com base nas nossas narrativas subjectivas, na percepção de si e nas narrativas biográficas – sob a forma de episódios. Aqui *nós* falamos «em nosso próprio nome» (Hall, 1990: 222) da *nossa* realidade e na *nossa* perspectiva, que, como se diz no último verso do poema, *há muito está calada*. O verso indica como este processo de escrita é do domínio do passado e do presente; é por isso que começo este livro lembrando o passado para compreender o presente, e estabeleço um diálogo constante entre ambos, pois o racismo quotidiano encarna uma cronologia atemporal.

Memórias da Plantação explora a atemporalidade do racismo quotidiano. A junção destas duas palavras, «plantação» e «memórias», descreve o racismo quotidiano não como mera reencenação de um passado colonial, mas como realidade traumática que tem sido ignorada. É um choque violento que, de repente, põe o *sujeito negro* numa cena colonial onde, como no cenário de uma plantação, é aprisionado como o «outro» subordinado e exótico. Inesperadamente, o passado coincide com o presente, e o presente é vivido

como se o *sujeito* estivesse nesse passado agonizante, como o título deste livro anuncia.

O capítulo 1, «A máscara: Colonialismo, memória, trauma e descolonização», abre com a descrição de um instrumento colonial, uma máscara, como símbolo da política colonial e sádica *branca*, durante a escravatura, de silenciar a voz do *sujeito negro*: porque se deve fechar a boca do *sujeito negro*? O que teria o *sujeito branco* de ouvir? Abordo questões relacionadas com a memória, o trauma e a fala, mas também a construção da negritude como «outra».

No capítulo 2, «Quem pode falar? Falar no centro, descolonizar o conhecimento», trato de questões equivalentes no âmbito do saber: quem pode falar? Quem pode produzir conhecimento? Reconhece-se o conhecimento de quem? Exploro ainda o colonialismo no meio académico e a descolonização do saber. Preocupa-me, pois, a autoridade racial e a produção de conhecimento: o que acontece quando falamos no centro?

No capítulo 3, «Dizer o indizível: Definir o racismo», pergunto: como falar sobre o que foi silenciado? Começo por analisar o défice teórico sobre racismo e teorias do racismo quotidiano, e exploro o que para mim é a melhor metodologia para falar da realidade vivida do racismo quotidiano, na narrativa de duas mulheres da diáspora africana: Alicia, afro-alemã, e Kathleen, afro-americana que vive na Alemanha. Ambas relatam as suas experiências de racismo quotidiano.

No capítulo 4, «O racismo de género: “Queres limpar nossa casa?” A relação entre “raça” e género», empreendo uma abordagem de género ao racismo. Aprofundo a

intersecção entre «raça» e género, bem como o fracasso do feminismo ocidental no tratamento da realidade das mulheres *negras* no racismo de género. Apresento ainda os objectivos do feminismo *negro*.

Os capítulos seguintes são o centro deste trabalho. Analiso ao pormenor as entrevistas de Alicia e Kathleen sob a forma de episódios, assim divididos: capítulo 5, «A política do espaço»; capítulo 6, «A política do cabelo»; capítulo 7, «A política sexual»; capítulo 8, «A política da pele»; capítulo 9, «A palavra *N.* e o trauma»; capítulo 10, «A segregação e o contágio racial»; capítulo 11, «Encenar a negritude»; capítulo 12, «O suicídio»; e capítulo 13, «Curar e transformar».

Concluo o livro com o capítulo 14, «Descolonizar o eu», no qual passo em revista e teorizo os temas mais importantes do livro, bem como possíveis estratégias de descolonização.